

Memórias da Grande Guerra: O Memorial Virtual

João Moreira Tavares

Instituto de História Contemporânea, FCSH-UNL

Introdução

A Primeira Guerra Mundial, ou como durante muitos anos foi (e ainda é) denominada: a Grande Guerra, constitui um dos principais acontecimentos do século XX. Pelo seu prolongar no tempo, pelo número de povos envolvidos, pela sua extensão a todo o mundo, pela nova forma de fazer a guerra e como esta causou baixas e destruição nunca antes vistas e pelas suas múltiplas repercussões (políticas, militares, económicas, financeiras e sociais) que marcaram, e muito, a geração que a viveu, mas também as outras que a sucederam.

As memórias que dela ficaram são, por isso, abundantes e diversificadas. Desde a oral e popular das gentes que a viveram, passando pelas placas toponímicas e monumentos das nossas vilas e cidades, pelas diversas manifestações artísticas (escultura, cinema, fotografia, literatura, música, pintura e teatro) até aos testemunhos escritos, particulares ou oficiais, depositados nos arquivos.

Naturalmente, por ocasião da evocação do seu primeiro centenário, um pouco por todo o mundo, mas sobretudo na Europa, foram inúmeras as iniciativas que homenagearam todos aqueles, civis e militares, anónimos ou heróis, que viveram as agruras da guerra, quer nos campos de batalha, quer na retaguarda; bem como cresceu o interesse em relembrar e aprofundar o conhecimento sobre este período tão marcante da História mundial.

Portugal, um dos países beligerantes, não ficou – nem poderia ficar – à margem dessa evocação e no País decorreu um conjunto de iniciativas, oficiais e académicas, com o objetivo de relembrar e divulgar a participação portuguesa na guerra.

O Memorial

a) Génese, Fontes e Estrutura

Uma dessas iniciativas, desenvolvida no âmbito do programa de atividades da Comissão constituída para a Evocação do Centenário da Grande Guerra, visando a preservação da memória, facilitar o acesso à informação contida nas fontes documentais recorrendo às novas tecnologias e homenagear todos os combatentes portugueses que morreram ao serviço da Pátria, na Europa e em África, foi a conceção do denominado *Memorial Virtual*

aos Mortos na Grande Guerra, que num só local *online* reuniu informação recolhida e compilada em diversas fontes documentais de diferentes arquivos¹.

A liderança deste projeto, que decorreu entre fevereiro de 2013 e 8 de abril de 2014 – data da sua apresentação pública e disponibilização –, coube ao Arquivo Histórico Militar (AHM) que contou com o apoio técnico do Centro de Dados da Defesa para a criação do *site* e a colaboração dos restantes arquivos militares nacionais e do Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) para a inventariação e consulta das fontes documentais neles contidas.

Foram identificados diversos tipos de documentos com reconhecido interesse para o projeto. Desde logo, os guardados no AHM, em que a investigação se centrou por serem os de mais fácil consulta, mas acima de tudo, por constituírem um dos principais e maiores núcleos de documentação de cariz biográfico respeitante aos combatentes, nomeadamente dos que lutaram em França. Assim, neste arquivo, destacam-se os boletins individuais² (também designados por fichas) dos militares e equiparados do Corpo Expedicionário Português (CEP) e o denominado *Livro dos Mortos por Concelhos*³ para os militares enviados para França e as relações, por unidades, dos militares mortos pertencentes às diferentes expedições mandadas para Angola e Moçambique. Destas relações e do *Livro dos Mortos por Concelhos* foram extraídos os nomes dos combatentes falecidos, bem como outros dados biográficos disponíveis como a unidade a que pertenciam, o posto, o número de identificação, a naturalidade e a data da morte. Esta informação foi depois cruzada e complementada, para os mortos em França, com a constante nos boletins individuais do CEP e na *Relação dos Mortos Portugueses na Grande Guerra na Alemanha, Bélgica, França e Holanda*, da autoria do Serviço das Sepulturas de Guerra no Estrangeiro do Ministério da Guerra e com diversos documentos, nomeadamente telegramas e listas de embarque de navios, para os que morreram em África. Também para estes últimos foi fundamental a informação recolhida no AHU, nomeadamente nos registos dos hospitais de campanha.

Para todos os combatentes do Exército, nos processos individuais guardados no Arquivo Geral do Exército⁴ (sargentos e praças) ou no AHM (oficiais) sempre que foi necessário e possível também se recolheram ou confirmaram dados.

Para os militares da Armada, independentemente do local em que combateram, as fontes de informação foram os livros Mestres (oficiais) e das Séries (sargentos e praças) bem como as cadernetas, as ordens do Dia e da Armada e os livros dos batalhões expedicionários à guarda da Biblioteca Central da Marinha – Arquivo Histórico (BCM-AH).

No que se refere aos dois militares que serviram na Aeronáutica, o Arquivo Histórico da Força Aérea também deu a sua colaboração.

1 O seu endereço é <http://www.memorialvirtual.defesa.pt/Paginas/Splash.aspx>

2 Existem cerca de 77.000 boletins. Têm um formato padronizado e são, por regra, manuscritos. Por eles se fica a conhecer dados biográficos dos militares e equiparados do CEP (nome, estado civil, filiação, naturalidade, parente vivo mais próximo e sua residência) e, ainda, um breve resumo da sua passagem pelo CEP, desde o seu embarque até ao seu regresso a Portugal ou morte.

3 A sua cota é PT/AHM/DIV/1/35/1270B.

4 O arquivo intermédio do Exército, onde se encontram guardados os processos individuais de todos os sargentos e praças e, ainda, dos oficiais falecidos após 1969.

Por último, destaque-se, ainda, entre as fontes impressas, o *Livro de Ouro da Infantaria* que contém relações nominais dos militares desta arma do Exército falecidos, tanto em África como em França. Sempre que foi possível, tentou-se dar um rosto às vítimas, mas para poucos militares se conseguiu tal objetivo, por ausência nos arquivos das respetivas fotografias.

A estrutura do Memorial Virtual assenta em três núcleos temáticos – *O Contexto, Os Homens e Os Espaços* –, precedidos por uma página de apresentação do Memorial, para que este não se limitasse a providenciar apenas alguns dados biográficos sobre os militares falecidos, mas também assumisse uma função informativa mais ampla, que ajudasse a contextualizar e compreender as circunstâncias em que esses milhares de militares portugueses perderam a vida ao serviço da Pátria. Se a vontade de homenagear os que faleceram presidiu ao lançamento da ideia do Memorial, não é menos verdade que, logo no momento da sua conceção, a divulgação da participação nacional na guerra se tornou também parte integrante e indissociável dessa homenagem e um objetivo a concretizar.

Daí existirem em cada núcleo diversos textos, para os quais se contou com a prestígio colaboração de conceituados historiadores militares e civis, complementados e profusamente ilustrados por imagens de época, também elas recolhidas nos arquivos citados, procurando, desse modo, conciliar o rigor científico com uma linguagem acessível e apelativa destinada a um público alargado. Textos e fotos são dedicados a variadas temáticas, todas elas associadas ao culto dos mortos, da sua memória, aos espaços em que os militares viveram, combateram e foram sepultados.

No núcleo *Os Homens* – aquele que é o cerne do Memorial – foi criado um espaço interativo de pesquisa e obtenção de dados biográficos sobre os combatentes. Nele também, com base nessa informação biográfica, foi possível disponibilizar um conjunto de dados estatísticos sobre as causas e locais de morte dos combatentes. O Memorial, neste núcleo, permite ainda a “visita virtual” ao local de sepultura quando tal é possível e a consulta do próprio boletim individual dos militares que combateram em França, através de uma ligação para o portal de pesquisa de documentação do AHM: o *Archeevo*⁵.

b) Os Números Apurados

A informação compilada, resultante do levantamento e cruzamento de dados biográficos de diferentes origens, permitiu determinar com rigor quem morreu e conhecer um pouco do seu percurso de vida. Deste modo, com o Memorial dispõe-se agora de elementos concretos e mais detalhados, por oposição aos dados estimados no passado, de cariz puramente estatístico e, por isso, dominados pela aridez e frieza dos números. Afinal, no Memorial a cada número corresponde também um indivíduo cuja identidade é conhecida.

Passou-se, assim, a ter a certeza de que na Grande Guerra, pelo menos, morreram 6.232 portugueses. Europeus e indígenas, militares e civis: 2.101 em França, 568 em Angola, 6 em Cabo Verde, 3.345 em Moçambique ao serviço do Exército, da Aeronáutica

5 O seu endereço é <https://arqhist.exercito.pt/>. Aqui é possível realizar a pesquisa e leitura *online* de todos os boletins individuais de militares e equiparados do CEP.

e de vários corpos militarizados e 209 da Armada, em diferentes locais, a bordo de navios ou em terra⁶.

Confrontando diretamente estes valores com os prévios ao Memorial e para que haja um termo de comparação, elegendo dos vários números indicados no passado aqueles que se podem considerar mais consensuais, conclui-se que o Memorial para os casos de Angola e Moçambique apresenta valores inferiores, com particular ênfase para o segundo, respetivamente uma diferença de 242 e 1.466; mas se tivermos em conta e como certas as estimativas apontadas para os carregadores nativos falecidos – 68 angolanos e 2.487 moçambicanos⁷ – e as adicionarmos aos números do Memorial – pois este apenas contabiliza os mortos dos quais se dispõem de identificação, o que não sucede com os carregadores que, por isso, não estão nele incluídos – apenas para Angola o valor indicado se mantém inferior, com menos 174 falecimentos (veja-se a tabela 1).

Em todos os outros Teatros de Operações (TO) os valores superam os já conhecidos, com a particularidade de, pela primeira vez, serem referenciadas mortes em Cabo Verde (6), por onde a guerra também passou, mas facto do qual se fala pouco⁸. Digno também de realce é o número de mortes apurado para a Armada, por ser muito superior ao que no passado foi indicado. 209 militares (a maioria marinheiros) morreram, em vez de 142.

Resumindo, no cômputo total terão falecido 8.787 portugueses (6.232 confirmados + 2.555 estimados), assim, distribuídos: 2.101 em França (+12), 636 em Angola (-174), 6 em Cabo Verde (+6), 5.832 em Moçambique (+1.021), 209 da Armada (+67) e, ainda, 3 praças do Exército sem TO definido.

Tabela 1 – Cômputo Total – Comparação Valores Consensuais vs Memorial Virtual

	França	Angola	Cabo Verde	Moçambique	Soma África	Armada	Total
Valores Consensuais (VC)	2089	810		4811	5621	142	7852
Memorial Virtual (MV)	2101	568	6	3345	3919	209	6232 a)
1) Carregadores africanos		68		2487	2555		2555
Memorial Virtual + 1) Estimativa avançada	2101	636	6	5832	6474	209	8787 a)
Diferença MV + 1) vs VC	12	-174	6	1021	853	67	935

Obs.: a) Este valor inclui 3 militares do Exército sem Teatro de Operações definido.

Os valores apresentados não incluem os 500 mortos da marinha mercante avançados na *História do Exército Português (1910-1945)*.

Os valores apresentados também não contabilizam mortos estimados entre a população civil constantes na obra acima citada.

6 A estes juntam-se três militares do Exército sem um Teatro de Operações determinado, perfazendo, assim, os 6.232 mortos.

7 Valores avançados nas fontes: PT AHM/DIV/1/35/1064/4, PT AHM/DIV/2/10/1/38 e PT AHM/DIV/2/10/3/3, se bem que no caso dos 68 angolanos estes surjam também identificados como auxiliares indígenas ou, mesmo, praças indígenas. Os dados são provenientes da Direção Geral Militar do Ministério das Colónias.

8 Sobre a presença militar em Cabo Verde e a identificação dos militares falecidos veja-se: http://www.momentosdehistoria.com/MH_02_07_Marinha.htm

Porém, se forem contabilizados os militares da Armada tendo em conta os TO em que serviram e morreram, os valores finais passam a ser: 2.103 em França, 657 em Angola, 16 em Cabo Verde, 34 no Mar, 5.961 em Moçambique, 5 em Portugal e 11 cujo TO é desconhecido (veja-se a tabela 2).

Tabela 2 – Cômputo Total – Mortos por Teatro de Operações

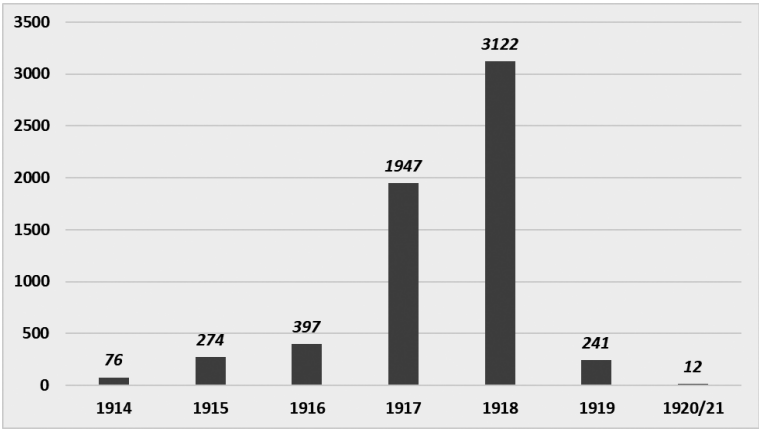
	França	Angola	Cabo Verde	Moçambique	Soma África	Mar	Portugal	Total
Memorial Virtual (MV)	2103	589	16	3474	4079	34	5	6232 a)
1) Carregadores africanos		68		2487	2555			2555
Memorial Virtual + 1) Estimativa avançada	2103	657	16	5961	6634	34	5	8787 a)

Obs.: a) Este valor inclui 11 militares sem Teatro de Operações definido.
Os valores apresentados não incluem os 500 mortos da marinha mercante avançados na *História do Exército Português (1910-1945)*.
Os valores apresentados também não contabilizam mortos estimados entre a população civil constantes na obra acima citada.

c) O Perfil dos Homens

De acordo, ainda, com a informação contida no Memorial, os combatentes portugueses falecidos na Grande Guerra são maioritariamente europeus (77,6%); naturais, sobretudo, do Norte (45,3%) e Centro (42,5%) de Portugal; esmagadoramente praças e afins (91,5%), a maior parte colocada em unidades da arma de infantaria (cerca de 75%) e os seus óbitos ocorreram em maior número em 1918 (50,1%) e, no conjunto dos anos, no mês de abril, facto para o qual contribuiu decisivamente a Batalha de La Lys, travada também naquele ano (veja-se o gráfico 1).

Gráfico 1 – Totais Anuais de Mortos – Evolução



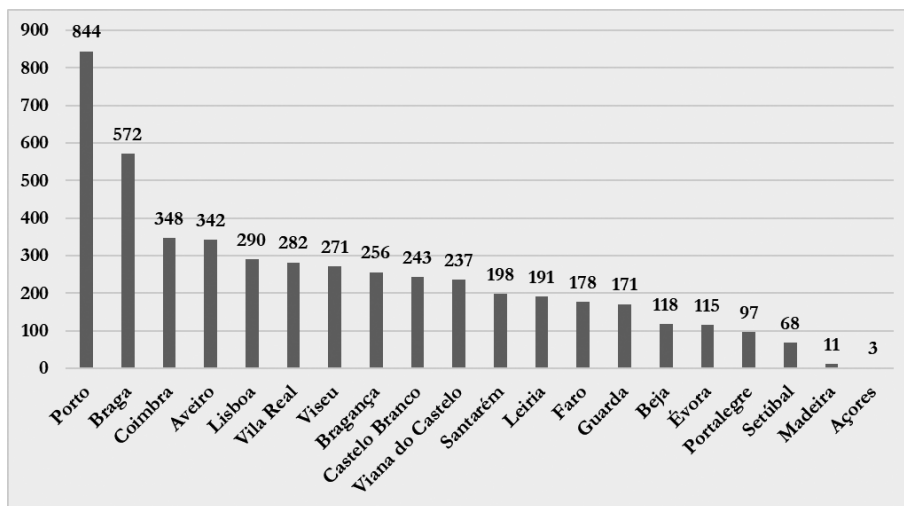
Fonte: Memorial Virtual.
Obs.: os valores apresentados não incluem 163 indivíduos constantes no Memorial Virtual por se desconhecer o ano concreto em que faleceram.

De notar, que daqueles que morreram em Moçambique, 50,8% faleceram entre o início do 2.º semestre de 1917 e o fim do 1.º semestre de 1918 e os que foram tocados pela doença em África pereceram, sobretudo, de disenterias, paludismo, febres e anemias. Enquanto, em França, as principais moléstias mortais foram a tuberculose, a broncopneumonia, a pneumonia e a gripe.

Num plano complementar, merecem também destaque, no que diz respeito à origem dos combatentes, o facto dos 328 africanos inventariados corresponderem a 5,3% do efetivo total, havendo ainda a mencionar, por mera curiosidade, que 5 dos combatentes eram sul-americanos – 4 nascidos no Brasil e 1 natural da Guiana Britânica – e um outro nasceu em Goa, no Estado da Índia. Por distritos, os do Porto (17,5%), Braga (11,8%) e Coimbra (7,2%) foram os três mais atingidos, tendo perdido, respetivamente, 844, 572 e 348 homens (veja-se o gráfico 2).

Nos concelhos, apenas três ultrapassam a centena de mortos. O Porto, de longe o mais afetado, com 238 óbitos; Lisboa (156) e Santo Tirso (110). Valores que são fortemente influenciados pela natureza do recrutamento e mobilização, assente num critério geográfico de proximidade às unidades militares sediadas nas capitais de distrito, donde eram naturais os mobilizados. Critério que se aplica em especial às unidades de infantaria, precisamente aquelas que, pela sua especificidade, absorvem o maior número de efetivos. Assim, por exemplo, no Porto, a maioria dos óbitos deve-se ao Regimento de Infantaria n.º 31 e em Braga aos Regimentos de Infantaria n.º 20 e 29. Não é, pois, de estranhar que apenas dez unidades (9 de infantaria e 1 de artilharia) concentrem 40,1% da totalidade dos mortos.

Gráfico 2 – Naturalidade dos Mortos (Distritos e Ilhas)



Fonte: Memorial Virtual.

d) Algumas Memórias de Vidas Perdidas

Para terminar, uma última palavra sobre algumas das memórias dos homens que morreram, que a aridez e a crua frieza dos números escondem, mas os documentos nos revelam. Pelo seu simbolismo escolhemos três casos, dois singulares e um coletivo: do soldado Curado; do “Fuzilado” e das 427 praças do Regimento de Infantaria n.º 31.

António Gonçalves Curado não foi o primeiro morto do CEP. Na verdade, já antes dele tinham perecido dez portugueses em França. O que, porém, o distingue dos demais compatriotas é o facto de ter sido o primeiro militar do CEP a tombar em combate, quando ainda se encontrava em período de instrução. Pela sua triste sorte, tornou-se conhecido e recebeu o epíteto de herói. Não por se ter distinguido por alguma ação ímpar e destemida em combate, mas, simplesmente, por ter tido o infortúnio do abrigo onde se encontrava ter sido bombardeado e colapsado, causando-lhe a morte e ferimentos nos restantes ocupantes. Por isso, foi também um dos poucos a ser trasladado para Portugal e o único cujos restos mortais foram sepultados num dos muitos monumentos, que depois da guerra, foram erigidos para lembrar e honrar os combatentes mortos. Não sem que antes duas localidades se tenham batido e esgrimido argumentos para reivindicar o direito à posse do seu corpo e preservação da sua memória. Vila Nova da Barquinha onde, quase por acaso, tinha nascido e a Figueira da Foz, terra da família e onde vivia à data da partida para França, integrado no Regimento de Infantaria n.º 28 que aí se encontrava sediado. Acabou por vencer a disputa a Barquinha, que tinha tomado a iniciativa da trasladação e homenagem e a quem o Governo deu a honra de acolher o soldado Curado, isto apesar da sua família (mãe e irmãos), com raízes e estabelecidos no concelho da Figueira da Foz, ter apoiado as pretensões figueirenses.

João Augusto Ferreira de Almeida, soldado-*chefeur*, natural do Porto, onde antes da guerra tinha sido funcionário de um abastado alemão. Militar indisciplinado e, por isso, já punido, a partir de certa altura, em França, mostrou interesse em procurar o caminho para os alemães, supostamente para ir ao encontro do seu antigo patrão. O seu propósito, algo insensato, depois de conhecido foi denunciado e associado ao crime de traição, punido com a pena de morte, com o pretexto de ter tentado passar para o lado do inimigo. Os depoimentos então recolhidos e o facto de lhe terem sido apreendidos dois mapas da região e uma pistola acabaram, depois de um breve processo de averiguações e de dois julgamentos sumários, por lhe ser fatais. Na manhã de 16 de setembro de 1917 foi fuzilado, tornando-se no único militar português a ser objeto de tamanho castigo. A sua pena não foi, no entanto, esquecida, talvez por ter sido injusta, certamente por ter sido singular, e a sua memória acabou por ser reabilitada, ao fim de um século⁹.

Menos conhecidas e lembradas são as 427 praças do Regimento de Infantaria n.º 31 que pereceram em Moçambique, para onde a unidade terá sido mandada como castigo,

9 Por iniciativa da Liga dos Combatentes, após um processo iniciado, em 2014, que proponha um perdão para o soldado Ferreira de Almeida e que foi concluído, em setembro de 2017, com um parecer favorável do Conselho de Chefes de Estado-Maior, com uma deliberação do Conselho de Ministros e, por fim, com uma declaração do Presidente da República. Para saber mais sobre este episódio sugere-se, por exemplo, a leitura de: Aguiar (1945, pp. 165-173), Costa (2015, pp. 759-776) e Guerreiro (2003, pp. 371-372).

depois de, em outubro de 1916, parte dos seus militares ter participado em graves tumultos na cidade do Porto. O degredo a que terão sido votados estes militares, em poucos meses, transformou-se para muitos também numa condenação à morte, ainda que lenta e penosa. Pouco depois do seu desembarque, surgiram, em maio de 1917, as primeiras seis mortes. Em junho morreram mais 14 militares. Depois em julho os óbitos subiram vertiginosamente, ascendendo a 157. Nos meses seguintes, a situação melhorou progressivamente. Em agosto foram 77, em setembro 56, em outubro 31, em novembro 17 e em dezembro 14. No final do ano, tinham já morrido 372 homens. A mortandade continuou em 1918, com mais 55 mortos. Todos faleceram por doença, à exceção do 1.º Cabo Eduardo Veiga, que morreu em combate.

Conclusão

O Memorial é uma homenagem a todos aqueles que tombaram, independentemente das circunstâncias, mas também um instrumento de divulgação da participação portuguesa na Grande Guerra e um polo agregador de informação dispersa por vários arquivos e fontes documentais.

Como muito bem sintetiza o coronel Aniceto Afonso, no texto de apresentação do Memorial, “as novas gerações poderão aqui encontrar uma janela sobre o que foram as vidas e o destino de milhares de portugueses” e nós acrescentamos: de uma forma fácil, rápida e apelativa pela ponte que foi criada entre os utilizadores do Memorial e as memórias contidas nos arquivos.

Referências

Arquivo Histórico Militar (AHM)

PT AHM/DIV/1/35/1064/4.

PT AHM/DIV/1/35/1270B.

PT AHM/DIV/2/10/1/38.

PT AHM/DIV/2/10/3/3.

Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT)

PT TT/MI-SG/9-13/164.

Aguiar, M. B., 1945. Um Português Fuzilado em 1917. *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, vol. XV, pp. 165-173.

Costa, A. A., 2015. Kafka nas Trincheiras: o Fuzilamento do Soldado João Almeida. A Desconstrução de um Julgamento Formal. Em *Atas do XXIII Colóquio de História Militar. Portugal, 1914-1916. Da Paz à Guerra*. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar, pp. 759-776.

Guerreiro, M., 2003. O Fuzilado Português, um infeliz episódio. Em Aniceto Afonso e Carlos Matos Gomes, coord., *Portugal e a Grande Guerra. 1914-1918*. Lisboa: Diário de Notícias, pp. 371-372.

Livro de Ouro da Infantaria, 1922. Lisboa: Comissão Técnica da Arma de Infantaria.

- Relação dos Mortos Portugueses na Grande Guerra na Alemanha, Bélgica, França e Holanda*, 1937. Lisboa: Ministério da Guerra/Serviço das Sepulturas de Guerra no Estrangeiro.
- Tavares, J. M., 2016. Monumento aos Combatentes da Grande Guerra – Vila Nova da Barquinha e Figueira da Foz. *Jornal do Exército*, n.º 663, p. 4.
- Tavares, J. M., 2018. Mortos, Feridos e Desaparecidos. Em Abílio Pires Lousada e Jorge Silva Rocha, coord., *Portugal na 1.ª Guerra Mundial. Uma História Militar Concisa*. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar, pp. 781-794.
- Tavares, J. M., 2018. Mortos, Feridos e Desaparecidos. Um retrato das vítimas. *Jornal do Exército – O Exército Português na Grande Guerra (1914-1918)*, pp. 68-69.
- Tavares, J. M., 2018. Os Mortos da Grande Guerra. O Caso Português. Em *Atas do XXVI Colóquio de História Militar. Portugal 1916-1918. Da Guerra à Paz*. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar, pp. 415-433.

Sítios na Internet

- Memorial aos Mortos na Grande Guerra* [website] disponível em: <http://www.memorialvirtual.defesa.pt>
- Momentos da História [website], Cabo Verde 1914-1918, *Cabo Verde na Grande Guerra*, disponível em: http://www.momentosdehistoria.com/MH_02_07_Marinha.htm [consultado a 30 de outubro de 2017].
- Presidência da República Portuguesa, *Declaração do Presidente da República*, 16 de setembro de 2017, disponível em: <http://www.presidencia.pt/?idc=10&idi=135194> [consultado a 30 de dezembro de 2017].